

VII Congresso Latino-Americano de estudos do trabalho. O trabalho no século XXI: Mudanças, impactos e perspectivas.

GT 07 - Trabalhos e Trabalhadores não convencionais no capitalismo global

Tema: Trabalho precário / Terceirização / Externalização

O NOVO E O VELHO DO TRABALHO INFORMAL NAS RUAS CENTRAIS DE CAMPINA GRANDE - Pb.

Waltimar Batista Rodrigues Lula – Universidade Estadual da Paraíba

Jéssica de Carvalho Silva – Universidade Estadual da Paraíba

Taciana Carla Albuquerque Batista – Universidade Estadual da Paraíba

Patrícia Natali Luna Coutinho – Universidade Estadual da Paraíba

Este trabalho visa compreender as dinâmicas do trabalho informal nas ruas centrais da cidade de Campina Grande -Pb. Embora nas últimas décadas desenvolveram-se políticas públicas com o objetivo de retirar das ruas todo tipo de trabalho informal, presenciamos o aumento deste tipo de trabalho. Diante dessa realidade, pretendemos descobrir e redescobrir as causas e consequências do aumento do trabalho informal nas ruas centrais da cidade. Para tanto, realizamos uma pesquisa bibliográfica específica sobre informalidade, bem como, uma pesquisa exploratória com o intuito construir um mapeamento dos tipos de atividades informais nas ruas, e estamos aplicando questionários para descrever os aspectos sociais e econômicos dos trabalhadores informais das ruas.

A pesquisa está sendo proposta em função da lacuna que verificamos nos estudos relacionados ao trabalho informal que está crescendo nas ruas centrais da cidade de Campina Grande. Deste modo, pretendemos ampliar a base de conhecimentos referentes ao trabalho informal nas ruas. A temática sobre o trabalho informal ganha notoriedade, rompendo, inclusive, com certas concepções correntes de desenvolvimento econômico brasileiro (industrial e financeiro), iria reduzir o trabalho informal. Algo que não está sendo concretizado. O que se vê, na atualidade, é um aumento crescente do contingente de trabalhadores informais. Segundo Cavalcanti (1983) o crescimento do comércio informal é impulsionado principalmente pelo problema do desemprego, pois este setor “representa fonte de emprego de última instância” a um número elevado de homens e mulheres que não conseguem trabalho formal. Frente a esse desemprego criaram tipos de trabalhos informais, na qual de uma maneira autônoma comercializam produtos e serviços, como fonte de sobrevivência econômica. Ricardo Antunes (1997, p. 41) menciona: “o mais brutal resultado das transformações no mundo do trabalho é a expansão, sem precedentes (...) do desemprego estrutural que atinge o mundo em escala global”. O trabalho informal, há décadas, tem ganhando cada vez mais espaço no Brasil, pois sem ocupação fixa homens e mulheres podem comercializar mercadorias em vários espaços públicos, sem controle fiscal, e não é diferente em Campina Grande -PB. O crescimento destas atividades na cidade, somado aos interesses do comércio formal (empresários lojistas), que “alegam serem prejudicados” com o comércio informal, levou o poder público local, a incluir a problemática do comércio informal no projeto de políticas públicas. Foram criados novos espaços comerciais no centro da cidade, para abrigar este tipo de atividade. Este projeto teve como objetivo principal retirar das ruas do centro da cidade o trabalho informal, além da tentativa de transformar em formais para contribuir com o aumento da arrecadação tributária Municipal. No entanto, com a permanência e o crescimento do desemprego estrutural, pode-se observar a volta do trabalho informal às ruas do centro de Campina Grande, verificando-se o avanço do trabalho informal nos espaços antes ocupados pelos “antigos camelôs”. Diante do exposto, pretendemos abordar a expansão do trabalho informal nas ruas centrais da cidade. A presente pesquisa tem por objetivo conhecer a dinâmica de trabalho informal nas ruas centrais de Campina Grande, refletindo acerca da sua funcionalidade atual e, assim, identificar os pontos a serem analisados para melhor compreender o crescimento do trabalho informal na cidade. Para tanto, pretendemos mapear as ruas onde ocorre o comércio informal; apontar os tipos de comércio informal; identificar o perfil dos

trabalhadores envolvidos neste tipo de atividade; registrar a escolha dos espaços para o desenvolvimento da atividade informal; analisar a dinâmica do trabalho informal no centro da Cidade; e relatar a compreensão dos trabalhadores sobre esse tipo de atividade. Esta pesquisa utiliza a divisão da pesquisa em duas partes: a primeira trata de um levantamento bibliográfico que envolveu uma revisão de literatura acerca dos assuntos que abrangem o tema sobre trabalho informal (Antunes, Castel, Cacciamali, Druck, Noronha, Oliveira, entre outros). A pesquisa de campo, qualitativa e quantitativa com cunho descritivo, uma vez que a mesma busca levantar como está configurado o trabalho informal no centro da cidade. Esta etapa de coleta de dados está envolvendo duas etapas, a primeira uma pesquisa exploratória com registro descritivo e imagens e na segunda etapa, ainda em andamento, estão sendo aplicados formulários. Nosso universo é composto por homens e mulheres que desenvolvem atividade do trabalho informal no centro da cidade de Campina Grande. No início do século XX, o mercado de trabalho Brasileiro já era bem definido em trabalho formal nas grandes indústrias, fábricas, comércio e construção civil e o subemprego ou trabalho informal, formado por pessoas mal sucedidas no trabalho formal. A crise do capitalismo, iniciada na década de 70, começou a modificar as formas de produção dos trabalhadores. Na década de 90 frente à crise econômica, as empresas tiveram que diminuir o quadro de trabalhadores. Este momento fez com que muitos trabalhadores fossem substituídos por mão de obra qualificada e por máquinas, aumentando o índice de desemprego no país. Para Antunes, a atual fase de reestruturação produtiva é composta por “desemprego em dimensão estrutural, precarização do trabalho de modo ampliado e destruição da natureza em escala globalizada [estes] tornam-se traços constitutivos dessa fase da reestruturação do capital” (1997, p.34). Como maneira “mais fácil” para fugir do desemprego, homens e mulheres são obrigados “optar” pela forma de trabalho informal. Este tipo de trabalho se desenvolve fora do âmbito do jurídico, em mercados desregulamentados e competitivos, são chamados de trabalhadores de rua, camelôs ou ambulantes. O trabalho informal é aquele que não possui os benefícios trabalhistas como férias, décimo terceiro salário, hora extra remunerada, FGTS, licença maternidade, seguro desemprego e outros, pois não existe regulamentação da atividade por nenhum órgão competente a controlar informações fiscais e trabalhistas deste tipo de trabalho. Partimos do pressuposto de que o nível do desemprego é resultado de vários fatores, em especial o modo de funcionamento do mercado de trabalho, que influenciam na maior ou menor geração de empregos. Por ser uma questão complexa – que envolve circunstâncias demográficas,

econômicas, sociais e políticas –, é normal que o desemprego se manifeste com intensidade diferente em cada país. No caso do Brasil, não houve um aumento explosivo do desemprego nos últimos anos, na realidade, tem-se verificado um aumento do número de carteira assinada. Os dados oficiais mostram que a taxa de desemprego segue numa trajetória descendente. Porém, o problema da insuficiência de empregos é mais grave do que aparenta, uma vez que é grande o número de trabalhadores em situações muito precárias e vulneráveis. Segundo o IBGE, em 2010, o Brasil tinha 54,3 milhões de trabalhadores, desses, 15,3 milhões eram informais. Esses dados mostram que uma parcela considerável da população ainda está na informalidade. Na Paraíba, quando se trata de informalidade, os dados são alarmantes, cerca de um milhão de paraibanos que estão no chamado mercado de trabalho informal (PNDA, 2010). Em Campina Grande são 52.473 trabalhadores na informalidade, enquanto que no setor formal tem 50.468 trabalhadores (IBGE, 2010). Esses dados demonstram a importância de se pesquisar a questão do trabalho informal em Campina Grande. Como podemos observar mais da metade dos trabalhadores de Campina Grande arregaçam as mangas e pega no batente todo dia sem ter nenhum direito trabalhista. Eles são informais. Fazem parte de um país quase clandestino, que não existe oficialmente. Em um primeiro momento a informalidade oferece um trabalho e uma fonte de renda para imensos contingentes desempregados. No segundo momento, falta aos trabalhadores os benefícios trabalhistas citados anteriormente, e é neste ponto que este exercício informal prejudica os trabalhadores.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho**. São Paulo: Cortez, 1997

CACCIAMALI, Maria Cristina. Globalização e processo de informalidade. In: **Economia e Sociedade**, Campinas: Unicamp. I.E., n. 14, jun. 2000. p.152 – 174.

CASTEL, R. As metamorfoses da questão social. Petropolis, RJ: editora Vozes, 1998.

CAVALCANTI, C. **Viabilidade do setor informal: a demanda de pequenos serviços no Grande Recife**. 2ª ed. Recife: SUDENE, Ed. Massangana, 1983, 160p.

CHESNAIS, Francois. **A emergência de um regime de acumulação predominantemente financeiro**. Praga Nº 3. São Paulo: Hucitec, 1997.

HARVEY, David. **A condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural.** São Paulo: Loyola, 1992.

LEFEBVRE, Henri, **La Vida Cotidiana en el Mundo Moderno.** Madrid: Alianza Editorial, 1972.

LEFEBVRE, Henri. **Espacio y Política.** Barcelona: Ediciones Peninsula, 1976.

OLIVEIRA, Roberto Vêras; GOMES, Darcilene; Targino, Ivan. **Marchas e contramarchas da Informalidade do trabalho** – das origens às novas abordagens. João Pessoa: Editora universitária UFPB. 412.

SENNETT, Richard. **A Corrosão do Caráter – consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo.** Rio de Janeiro: Record, 1999.

TEXEIRA, Francisco José Soares (org). O neoliberalismo em debate. In: **Neoliberalismo e reestruturação produtiva: as novas determinações do mundo do trabalho.** São Paulo: Ed. Cortez, 1996.